

O “bandeirante destemido” Durval Marcondes, a psicanálise e a modernização conservadora no Brasil

*Belinda Mandelbaum
Stephen Frosh*

N

uma sala de aula da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), um pequeno retrato em branco e preto na parede de resto vazia mostra Durval Marcondes, o fundador da instituição, posando de frente, montado num cavalo. Nascido em 1899, na cidade de São Paulo, Durval viveu na ju-

Os autores agradecem a colaboração de Renata Conde nas etapas iniciais desta pesquisa.

BELINDA MANDELBAUM é professora associada do Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP.

STEPHEN FROSH é professor titular do Departamento de Estudos Psicossociais do Birkbeck College, da Universidade de Londres.

ventude as transformações de uma sociedade tradicional patriarcal, baseada na economia cafeeira, com suas elites de proprietários de terras, recém-abolida a escravidão, para uma sociedade em processo de industrialização, urbanização e modernização, nas primeiras décadas do século XX. A trajetória de Durval Marcondes no campo psicanalítico em São Paulo é expressão desses processos modernizadores, que em seu caso se fizeram na forma da luta pela introdução da psicanálise, nas primeiras décadas do século XX, como método psicoterapêutico alternativo às práticas psiquiátricas hegemônicas no período. No entanto, ainda que reconhecendo seu pioneirismo na luta pelo estabelecimento da nova ciência em território paulista, procuraremos mostrar como isso se deu no interior de um enquadre social e culturalmente conservador, ao qual a psicanálise aqui aportada pôde se adaptar e servir. Esperamos mostrar também como foi no interior desse enquadre conservador que Durval Marcondes realizou toda a sua trajetória clínica e acadêmica, inclusive como professor da Universidade de São Paulo durante os anos 60, na vigência do governo ditatorial civil-militar.

Em artigo anterior, que tratou do viés conservador presente na psicanálise brasileira ao longo de sua história (Frosh & Mandelbaum, 2017), apresentamos evidências de como essa ciência, tantas vezes caracterizada por sua potência transformadora e libertária, foi absorvida no Brasil, desde os seus primórdios, em práticas clínicas e institucionais que operaram a serviço da manutenção do *status quo*, numa sociedade elitista e profundamente desigual. No caso de Durval Marcondes, a convivência desses aspectos aparentemente contraditórios – de um lado, seu pioneirismo na implantação da nova ciência em terras

paulistas e, de outro, seu conservadorismo no plano cultural, social e político – marcou a origem da instituição psicanalítica em São Paulo, com profundas reverberações no funcionamento institucional e em suas práticas clínicas, até hoje. É importante lembrar que essas marcas conservadoras de origem – ou mesmo reacionárias, coniventes com períodos de ruptura do Estado democrático de direito –, como diversos pesquisadores já mostraram (Besserman Vianna, 1994; Frosh & Mandelbaum, 2017; Russo, 2012), são parte da história dos modos de funcionamento de grande parte das sociedades psicanalíticas no Brasil. E que, de forma mais ampla, estudiosos da vida social brasileira nas primeiras décadas do século XX (Fernandes, 1975; Werneck Vianna, 1996) detectaram, no próprio interior dos movimentos de modernização, de adoção de ideias e práticas novas, a preservação de estruturas sociais e culturais tradicionais. Daí tais movimentos terem sido englobados sob o termo de *modernização conservadora*, para nomear um arranjo entre proprietários de terra e a burguesia emergente que permitiu a integração, no plano social e cultural, de novas ideias e práticas oriundas dos países do Primeiro Mundo – particularmente Europa e Estados Unidos da América –, sem que estas se fizessem acompanhar de transformações sociais estruturais. Isso quer dizer que permaneceram, convivendo com os processos de modernização industrial e urbano, as velhas formas da produção e distribuição de riquezas, as formas tradicionais de exploração nas relações entre capital e trabalho, e a moralidade hegemônica de uma sociedade patriarcal marcada por desigualdades de classe, raça, sexo e gênero. E ideias e práticas novas, como a psicanálise, muitas vezes ser-

viram para dar roupas e justificativas novas para velhas formas de viver (Russo, 2012), conservando-as intocadas.

A trajetória de Durval Marcondes, tal como a de outros, em sua maioria médicos, que introduziram a psicanálise em diversas capitais brasileiras na primeira metade do século XX, é expressiva desse padrão paradoxal, modernizador e conservador, seja na forma como buscaram reproduzir em solo brasileiro uma instituição psicanalítica que seguisse de forma integral e inquestionada os ditames da Associação Psicanalítica Internacional¹, como em práticas clínicas privadas voltadas para as elites rurais e burguesas das principais cidades brasileiras, ou mesmo em sua inserção no campo da saúde pública, em que a psicanálise foi proposta como ferramenta a favor do ajustamento social da infância pobre (Lima, 2012). É nesse sentido que Durval Marcondes pode servir como *analizador* – o termo é inspirado no trabalho de Cecília Coimbra, *Os guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do milagre* (1995) – dos modos pelos quais a psicanálise aportou e se desenvolveu no Brasil, em suas relações com a sociedade mais ampla. Seus artigos e livros (ver, por exemplo, *Medicina e psicologia*, de 1952) deixam entrever a reprodução, em seu trabalho clínico, das concepções teóricas e técnicas freudianas, com especial ênfase no campo da medicina psicossomática, onde ele lança mão dos

estudos de Freud sobre as histéricas para tratar da origem psicogênica do sintoma físico, bem como de Franz Alexander (1943, apud Marcondes, 1952), sobre a psicogênese e a conversão como conceitos fundamentais da pesquisa psicossomática. Munido dessas leituras e de sua experiência clínica como psicanalista, Durval confronta a medicina paulista de sua época, que, como ele discute em seu livro, privilegiava uma perspectiva organicista, negando assim os fatores psicológicos na produção da doença. Durval confronta também, como se pode depreender na mesma obra, a psiquiatria hegemônica em São Paulo, que buscava na fisiologia dos organismos, segundo ele, as causas dos distúrbios mentais. Durval reivindicou a entrada da psicologia na formação médica, sempre operando no interior das teorias e práticas psicanalíticas consagradas internacionalmente pela psicanálise de seu tempo, a que ele adere incondicionalmente. E também em seu trabalho dirigido à infância, que estava no centro do projeto desenvolvimentista brasileiro durante o período ditatorial do Estado Novo – como foco de um investimento civilizatório que visava a eliminar traços de nosso primitivismo social –, a psicanálise freudiana, tal como lida e aplicada por Durval Marcondes no Serviço de Higiene Mental Escolar, onde trabalhou desde os anos 20, mostrava-se ferramenta teórica e prática eficaz para alcançar o ajustamento social.

Nossas inquietações com estas aparentes contradições presentes na história do campo psicanalítico brasileiro – de um lado, a psicanálise em sua potência transformadora e, de outro, seu uso acrítico e adaptativo, tal como se manifesta na trajetória clínica de Durval Marcondes, tanto em seu trabalho

1 O jornal *A Gazeta*, em 5/2/1935, publicou: “O que necessitamos – foi logo declarando o Dr. Durval – é de um instituto de psicanálise a exemplo dos que existem no estrangeiro. Tenho aqui à mão alguns prospectos por onde o senhor poderá ver o que são tais estabelecimentos. Berlim, Londres, Viena, Budapeste, Nova Iorque, Chicago e outras grandes cidades os possuem em excelentes condições”.

em consultório particular quanto no campo da saúde pública – ganham expressão nas palavras de Elisabeth Roudinesco, em conferência em São Paulo no ciclo *Fronteiras do pensamento*, em 2017, quando afirma:

“A Psicanálise nunca conseguiu se implantar em países em que não existem democracia e Estado de direito. Em outras palavras, para ter acesso ao seu inconsciente, para que alguém possa ter a liberdade de explorar seu inconsciente, é preciso um Estado de direito e a democracia. Mas o Estado de direito, ou seja, um Estado no qual a liberdade subjetiva esteja garantida. É necessário ter liberdade política para poder ter acesso às determinações do inconsciente”².

Se isso é verdade, como foi possível à psicanálise aportar e desenvolver-se no Brasil ao longo do século XX, com marcas de seu florescimento durante os dois períodos ditatoriais – a era Vargas, nos anos 30, e a ditadura civil-militar dos anos 60 a 80 –, marcados pelo cerceamento da liberdade de expressão? Ou talvez, tornando mais precisa a pergunta: qual psicanálise desenvolveu-se por aqui, com quais características, de tal modo a acomodar-se e mesmo servir como ferramenta para as políticas sociais em curso? Vamos aos fatos que nossa pesquisa documental e bibliográfica³ expôs, e

que evidenciam as teses aqui sugeridas de uma contradição apenas aparente entre a introdução da psicanálise em São Paulo e sua convivência com políticas sociais conservadoras – ou mesmo reacionárias –, tal como expressas na trajetória do psiquiatra e psicanalista Durval Marcondes.

UM “BANDEIRANTE DESTEMIDO” NA PSICANÁLISE

Numa biografia de Durval Marcondes que faz parte da coleção *Pioneiros da psicologia brasileira*, o autor (Sagawa, 2002, p. 13) diz que “a exploração pelos bandeirantes das terras inexploradas foi uma inspiração de sua infância”. E em seu discurso na SBPSP por ocasião da comemoração de seus 80 anos, Marcondes contou que a mãe, professora de escola primária, lhe explicara na primeira infância “que bandeirante era como se chamava uma gente destemida, nossos patrícios de outrora que não se contentavam com o mundo existente a seu alcance próximo e se metiam mato adentro para descobrir e conquistar espaços e riquezas no recesso desconhecido” (Marcondes, 1980, apud Sagawa, 2002).

A imagem do bandeirante inaugura a sua biografia para servir de modelo, ou de moldura, para as atividades que Durval Marcondes desenvolveu ao longo de seis décadas de vida acadêmica e profissional, desde os tempos de estudante da Faculdade de Medicina de São Paulo. Nessa mesma biografia, lemos que em 1919 o jovem Durval, cursando o primeiro ano de faculdade, entrou em contato com um artigo do professor de psiquiatria dr. Franco da Rocha, publicado no jornal *O Estado de S.*

2 Disponível em: <https://www.fronteiras.com/videos/o-principal-fator-para-o-desenvolvimento-da-psicanalise>.

3 Os dados aqui expostos são resultado do projeto de pesquisa “Psicanálise e contexto social no Brasil: fluxos transnacionais, impacto cultural e regime autoritário”, coordenado por Belinda Mandelbaum e Stephen Frosh, com o auxílio financeiro da Fapesp (Processo 2015/11244-3).

Paulo sob o título “Do delírio em geral”. Nesse artigo, extraído da aula inaugural de Franco da Rocha na Faculdade de Medicina naquele mesmo ano, “os sintomas e também os sonhos [eram abordados] como fenômenos psicológicos” (Sagawa, 2002, p. 15). Franco da Rocha nessa aula pronunciara-se publicamente sobre as ideias da psicanálise “como um avanço terapêutico e científico de sua época” (p. 15). A publicação despertou a curiosidade de Durval Marcondes, ainda mais que o professor nela integrara conhecimentos advindos da psiquiatria, da psicanálise e da literatura para mostrar o componente sexual presente não apenas na patologia, mas também “nos demais homens” (p. 16). E parece que o jovem aluno anteviu aí o caminho a seguir logo após concluir o curso de Medicina, estimulado pelo próprio mestre Franco da Rocha a desbravar essa nova terapêutica no campo dos transtornos mentais. Abriu em 1924 seu consultório particular no centro de São Paulo e estudava sozinho psicanálise. Diz Sagawa (2002, p. 18) que, “exceto evidência histórica contrária a essa constatação, o consultório particular de Durval Marcondes constituiu-se na primeira clínica psicanalítica do Brasil e, quem sabe, da América Latina”. Como prática clínica nova oferecida à elite tradicional e à burguesia em ascensão, esta seria parte de seu traço “bandeirante”, desbravador de novas terras no campo da terapêutica dos transtornos mentais, enquanto o próprio Freud desenvolvia e publicava suas ideias. “Eles contam sonhos para você?”, perguntou-lhe na ocasião Franco da Rocha, que, apesar de entusiasta curioso, sentia que era tarde demais para lançar-se nessa nova atividade profissional – ele que foi, nas décadas ini-

ciais do século XX, o primeiro professor catedrático em Psiquiatria na Faculdade de Medicina de São Paulo, fundador e diretor do Hospital Psiquiátrico do Juquery, principal instituição de acolhimento de doentes mentais, naquele período.

O apoio do dr. Franco da Rocha foi fundamental ao jovem psicanalista que, ao longo das décadas seguintes, teve que se confrontar incessantemente com atitudes de “agressiva repulsa” e “fria omissão” (Sagawa, 2002, p. 40) por parte de seus colegas psiquiatras. É ao seu envolvimento com a psicanálise que Durval atribui ter perdido a cátedra de Psiquiatria, que até 1923 pertenceu a Franco da Rocha, no concurso em que, no ano de 1936, concorreu com Antônio Carlos Pacheco e Silva, psiquiatra organicista e crítico ferrenho das ideias psicanalíticas (Assumpção Jr., 2003; Tarelou & Mota, 2015)⁴. Essa divisão entre o psicanalista Durval Marcondes, de um lado, e o organicista Antônio Pacheco e Silva, de outro, marcaria a psiquiatria paulista até meados dos anos 50 e 60, período de entusiasmo e florescimento da psicanálise em diversos países do mundo ocidental – e no Brasil, em particular⁵ – e de incremento do interesse de psiquiatras por essa nova terapêutica, em especial no caso dos distúrbios diagnosticados como neuróticos.

4 No ano seguinte (1937), teria início no Brasil o governo ditatorial de Getúlio Vargas que ficou conhecido como Estado Novo. Em consonâncias com as alianças que este governo estabeleceu com os países do Eixo, em especial Alemanha e Itália, Antônio Pacheco e Silva manifestou ostensivamente apoio ao regime nazista e suas práticas psiquiátricas. Sobre a influência da psiquiatria nazista na psiquiatria brasileira dos anos 30, ver: Costa (1983).

5 Para um exame dos determinantes do florescimento da psicanálise no Brasil, ver: Russo (2012).

A CRÍTICA LITERÁRIA PSICANALÍTICA E A POESIA MODERNISTA DE DURVAL MARCONDES

Durval também se identificou com Franco da Rocha como leitor de clássicos da filosofia e da literatura – na aula inaugural acima citada, o professor se referiu a Nietzsche, Schiller e Goethe, além de outros autores do campo psicanalítico como Stekel e Adler. Em 1926, o jovem psicanalista escreveu a tese “O simbolismo estético na Literatura. Ensaio de uma orientação para a crítica literária, baseada nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise”, publicada em livro com Prefácio do próprio Franco da Rocha, que, referindo-se à “moral vigente, há séculos, dominando no mundo civilizado”, disse que “Freud saltou o Rubicon; penetrou desabuscadamente na região proibida” (Franco da Rocha, 1926, apud Sagawa, 2002). Franco da Rocha utiliza também aqui a imagem metafórica dos desbravadores de regiões novas, desconhecidas e proibidas⁶, Freud e o próprio Durval Marcondes, uma vez que, muito provavelmente, este foi o primeiro trabalho de crítica literária no Brasil a fazer uso da psicanálise como instrumento de interpretação. Nele, o símbolo é apresentado “como uma espécie de ‘disfarce’ oculto que faz comunicar conscientemente o que não seria aceito de outra forma pela ‘resistência da censura’” (Marcondes, 1926, apud Sagawa,

2002). Ou seja, inspirado em Freud e em seu mestre Franco da Rocha, Durval expande desde o início a aplicação da psicanálise para além do campo do tratamento dos transtornos mentais, na direção do exame de mitos e textos literários. Ele envia seu livro a Freud e recebe deste uma resposta em que reconhece o empenho de Durval em “despertar o interesse de seus compatriotas para nossa jovem ciência” (Sagawa, 2002).

Exemplo de seu interesse na análise psicanalítica de textos literários, com foco na literatura brasileira, é seu estudo sobre *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo, obra baseada num fato real, um crime que sensibilizou o Rio de Janeiro em 1876/77, envolvendo dois estudantes. Durval enveredou também pela poesia, tendo escrito poemas ao longo de toda a vida. Mas não se notabilizou pela obra poética. Cabe destaque para o poema “Symphonia em branco e preto”, que publicou em agosto de 1922 na revista *Klaxon*, principal órgão de divulgação da produção dos modernistas paulistas, no mesmo ano da Semana de Arte Moderna. Vale a pena aqui o registro do poema para que o leitor tenha algum contato com sua produção poética, ainda que não seja nossa intenção comentá-lo:

O que vale sim ressaltar é sua participação, com este poema, na Semana de Arte Moderna de 1922, um marco no debate sobre a incorporação de ideias estrangeiras, em particular europeias, no desenho da identidade cultural brasileira – desenho no qual a psicanálise, em especial os textos de Freud de caráter social, como *O mal-estar na civilização*, *Totem e tabu* e *O futuro de uma ilusão*, têm um lugar central. Ainda que o Modernismo tenha sido um movimento principalmente estético que não teve como

6 É interessante notar como, nesse período de rápidas transformações da sociedade brasileira que foram as primeiras décadas do século XX, a nomeação de movimentos pioneiros vai buscar suas referências no período colonial, quando os bandeirantes, todos eles colonizadores portugueses, partiram para a exploração das novas terras.



Poema de Durval Marcondes
na revista modernista *Klaxon*

objetivo central afrontar as desigualdades em nosso país, fica evidente em diversos trabalhos literários e artísticos apresentados na Semana de 22 – da literatura de Mário e Oswald de Andrade à pintura de Tarsila do Amaral – a profunda penetração da psicanálise como instrumento de questionamento da moral patriarcal e sexual vigente e de resgate de uma identidade nativa para os brasileiros. Não consta que Durval tenha participado ativamente desse debate, sendo sua presença circunscrita à publicação do poema na *Klaxon*.

UMA PSICANÁLISE A SERVIÇO DA NORMATIZAÇÃO DA INFÂNCIA

No mesmo ano de 1924 em que abriu sua clínica particular, Durval Marcondes foi contratado como médico psiquiatra na Inspetoria de Higiene Escolar e Educação Sanitária da Secretaria de Educação de São

Paulo, para onde levou os conhecimentos teóricos e técnicos da psicanálise, em especial as ideias de Freud sobre desenvolvimento psicosssexual infantil e as contribuições de Anna Freud no tocante à psicanálise de crianças como processo necessariamente pedagógico. Influenciado também pelo higienismo em voga no período no campo da saúde pública, bem como pelo contexto de forças desenvolvimentistas e modernizantes no país, Durval centrou seus esforços nos trabalhos que visavam ao desenvolvimento infantil. As escolas públicas encaminhavam à Inspetoria os alunos em que detectavam transtornos de aprendizagem e personalidade, para fins de diagnóstico e tratamento. Baseado nas noções psicanalíticas e evolucionistas do desenvolvimento psicológico, Durval vislumbrou desde cedo a importância de um trabalho preventivo com as famílias, para que os impulsos infantis pudessem ser direcionados à aprendizagem e ao desenvolvimento apropriado, com vistas ao ajustamento social, noção bastante em voga na psicologia brasileira das primeiras décadas do século XX (Portugal & Oliveira, 2011). Durval incentivava que a educação sexual das crianças fosse realizada por pais e professores, que precisariam trabalhar com “uma soma de informações e finura de tato [...] a começar do berço”, uma vez que a infância era percebida como tão virulentamente patológica que era preciso rapidamente ministrar-lhe as influências corretas, para civilizá-la. Para as crianças diagnosticadas como débeis mentais, propôs a criação, nas escolas públicas, de classes especiais, prática que perdurou até o fim do século XX, quando as políticas de inclusão no país foram críticas à separação das crianças com necessidades especiais do restante das turmas de alunos.

Em seu trabalho com transtornos da infância no Serviço de Higiene Mental Escolar temos, de acordo com Lima (2012, pp. 89-90):

“A concepção de infância que atravessa os escritos de Durval Marcondes se limita ao desenvolvimento psicológico. Porém, essa concepção, aparentemente simples, constitui uma superfície que cobre uma série de complexas articulações em que aninha a compreensão que ele tem da criança. O desenvolvimento é evolução, ou seja, a ontogênese repete a filogênese, passa pelos mesmos estágios de evolução da humanidade, desde o mais primitivo até o mais civilizado. Assim sendo, ele é estudado não para ser conhecido, mas para poder ser monitorado e colocado nos trilhos da norma. Esta norma se assenta numa compreensão naturalizada de sociedade como lugar de harmonia e ordem para onde o desenvolvimento psicológico, este sim, movido e perigoso, deve convergir. [...] Assim sendo, a sociedade é entendida não em suas contradições, mas como um todo natural e harmônico em sua organização, no qual se quer inserir os indivíduos, inculcando-lhes as normas sociais de conduta que garantam esta suposta harmonia. A psicanálise freudiana, ao se voltar para a sexualidade infantil entendida como central na constituição do psiquismo, acaba por ensejar essa conexão com a ideia de desenvolvimento psicológico”.

Esta espécie de psicanálise adaptativa era característica da psicologia do ego norte-americana⁷, inspiração importante de Dur-

val Marcondes, integrada à concepção de ajustamento social proposta no Brasil por Arthur Ramos (Figueira, em preparação). Essas ideias, em sua aplicação no campo da educação, Durval levou para a formação de educadoras sanitárias nos anos 30, em seu curso de Higiene Mental na Faculdade de Higiene e Saúde Pública, onde criou a Especialização em Higiene Mental Escolar. Foi nesses cursos de Educação Sanitária que Durval Marcondes conheceu a socióloga Virgínia Bicudo e a psiquiatra Lygia Alcântara do Amaral, ambas educadoras sanitárias e posteriormente integrantes do primeiro grupo psicanalítico de São Paulo, formado no início dos anos 40 em torno de Durval, na sua própria residência e consultório. É bem provável que tenha sido graças a não ter sido aprovado para a cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina e ao seu mais pleno direcionamento para as práticas no campo da educação e da higiene mental que Durval tenha se dedicado a transmitir ideias e técnicas psicanalíticas a profissionais não médicos, e que isso tenha sido decisivo na composição desse primeiro grupo psicanalítico, ao qual se juntou também Frank Philips, na época funcionário da Light, empresa multinacional de energia elétrica em São Paulo, que se interessara por psicanálise a partir de uma palestra da dra. Adelheid Koch⁸ que assistira na Faculdade de Direito. Desde então, a formação psicanalítica em São Paulo abriu-se para profissionais não médicos, o que

7 A psicologia do ego norte-americana veio a ser sistematicamente criticada nas últimas quatro décadas por psicanalistas lacanianos e estudiosos do campo da teoria crítica (ver, por exemplo: Jacoby, 1975).

8 Adelheid Koch foi a primeira psicanalista a vir da Europa para o Brasil, com a finalidade de ser analista didata e supervisora desse primeiro grupo psicanalítico de São Paulo. Ela aportou no Brasil em 1937, graças a tratativas entre Ernst Jones, na época presidente da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), e Durval Marcondes. Ela assim escapava, com sua família, da ameaça nazista em ascensão na Alemanha.

não aconteceu em outras partes do mundo, inclusive em cidades brasileiras como Porto Alegre e no Rio de Janeiro, onde apenas nos anos 70, sob forte pressão dos psicólogos, as Sociedades de Psicanálise filiadas à IPA abriram suas portas para a formação de não médicos.

Ou seja: Durval Marcondes foi pioneiro na prática clínica da psicanálise em São Paulo, lutou por décadas pela criação de uma sociedade de formação psicanalítica, que finalmente, em 1944, viria a ser a primeira filiada à Associação Psicanalítica Internacional na América Latina; levou conhecimentos da psicanálise para o campo da saúde pública, em especial no atendimento psicológico a crianças; participou da Semana de Arte Moderna de 1922; criou a Clínica Psicológica da Universidade de São Paulo. Por outro lado, este “bandeirante destemido”, identificado com aqueles que “não se contentavam com o mundo existente a seu alcance próximo”, foi também conservador em todos os âmbitos: nos modos como fez uso da psicanálise em seus trabalhos ligados à saúde mental – numa perspectiva de educação de crianças centrada na ideia de ajustamento social e que pressupunha uma família e as funções de cada um de seus membros nos moldes da família tradicional burguesa; em sua divulgação da psicanálise na mídia impressa – como articulista semanal do jornal *Folha da Manhã*⁹, em que tratava como autoridade científica de temas como criação de filhos e modos adequados à etiqueta

das mulheres, dando assim novas vestes psicanalíticas às velhas concepções da vida social tradicional; e, de modo ainda mais explícito, em sua postura como professor de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985).

A DOCÊNCIA NA USP EM TEMPOS DITATORIAIS

Segundo Oliveira (2005), em 1934, por ocasião da fundação da Universidade de São Paulo, Durval Marcondes compôs o projeto de uma cadeira de Psicanálise que, no entanto, não pôde avançar. A autora cita um artigo escrito sobre isso pelo próprio Durval, no jornal *Diário da Noite*, de 12 de junho de 1934:

“Segundo Marcondes, a sugestão foi retirada do projeto originário de criação da Universidade, sem ‘que o autor da ideia o soubesse como, nem de quem fora o dedo de gigante’. Assim, por ação de ‘fortes correntes contrárias, que ninguém sabe de onde provêm’, uma vez mais os sonhos de Marcondes não se realizaram” (Oliveira, 2005, p. 117).

A psicanálise veio a ser introduzida nos meios acadêmicos paulistas pela primeira vez na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1939, no curso de graduação em Sociologia, sob a responsabilidade de Durval Marcondes, tendo como assistente Adelheid Koch. Nesse curso, a psicanálise era ensinada como instrumento de compreensão dos fenômenos sociais e como método que visava a melhorar as condições de ajustamento psíquico dos in-

9 O jornal *Folha da Manhã* era dirigido na época por Nabantino Ramos, advogado, defensor do Estado liberal e participante da criação da Sociedade de Psicanálise em São Paulo.

divíduos. Ao longo dos anos 1940, a bibliografia adotada dentre as obras freudianas ditas sociológicas procurava destacar a problemática cultural para dar conta do percurso que introduz o indivíduo no grupo e na história coletiva (Oliveira, 2014).

No final dos anos 50, Durval Marcondes foi convidado a organizar a especialização em Psicologia Clínica do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para onde levou como professores e supervisores alguns dos psicanalistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, criada como Grupo Psicanalítico de São Paulo em 1944 e reconhecida pela IPA em 1951.

Na especialização em Psicologia Clínica, Durval dava as aulas teóricas de psicanálise – principalmente textos clínicos de Freud – e os alunos realizavam os estágios de atendimento no Serviço de Higiene Mental Escolar, sob a supervisão de Judith Andreucci, Virgínia Bicudo e Lygia Amaral. Ensinando-a na Universidade, Durval conferia à psicanálise brasileira um estatuto científico e acadêmico.

Ex-alunos de Durval Marcondes nos anos 60 lembram dele como um professor de personalidade autoritária e conservadora. É o que registra Ester Zita Botelho na tese de doutoramento *Os fios da história: reconstrução da história da psicologia clínica na USP*, defendida em 1989 no próprio Instituto de Psicologia da USP. Ester entrevistou diversos ex-alunos do curso de Psicologia Clínica para reconstituir essa história, e boa parte de seu relato centra-se no ano de 1968, marco do movimento estudantil que ganhou uma especificidade singular nas relações entre alunos e professores do curso de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo. Diz um de seus entrevistados:

“Eu acho que naquela época o pessoal da Clínica não aceitava a princípio nenhuma reforma. Eles não tinham uma participação realmente acadêmica, eles não tinham ideia do que estava se passando. Acho que eles eram contra qualquer possibilidade de mudança. A impressão que eu tinha na época é que a Clínica era uma coisa completamente fora da universidade, separada”.

Esta alienação sugerida pelo depoente, do “pessoal da Clínica” em relação ao que se passava na universidade em anos de regime ditatorial, perseguição, prisão, tortura e morte de diversos alunos e professores, parece confirmar-se no relato a Sagawa (2002) de um discípulo próximo de Durval Marcondes, o psicanalista Ryad Simon, que também veio a ser convidado pelo mestre para ser professor de Psicologia Clínica na Universidade de São Paulo. Conta Simon:

“Por uma dessas coincidências sempre inexplicáveis, no dia da ocupação estudantil da sede da Faculdade de Filosofia, na Rua Maria Antônia, Durval estava dando uma aula teórica a alunos de Psicologia. Era no período da tarde. Os estudantes amotinados invadiam as salas de aula, interrompiam-nas e expulsavam alunos e professores. Um grupo adentrou a sala onde Durval lecionava. O representante dirigiu-se ao mestre: ‘Viemos comunicar-lhe que estamos ocupando a Universidade’. E Durval, impávido: ‘Pois eu lhes comunico que eu estou ocupando esta sala’. Diante da firmeza de Durval, os invasores recuaram e aguardaram que ele ministrasse sua aula até o fim, embora lívido e indignado. Durval foi o último professor a deixar o prédio ocupado da antiga Faculdade de Filosofia” (Simon, 1982, apud Sagawa, 2002).

O episódio relatado ocorreu dentro de um contexto que se tornou também um marco da resistência estudantil à ditadura. Em julho de 1968, os alunos da Universidade de São Paulo ocuparam o prédio da Faculdade de Filosofia, lá permanecendo até outubro, quando um pedágio na rua para arrecadar fundos para um congresso estudantil acabou por desencadear uma verdadeira guerra campal com estudantes da conservadora Universidade Presbiteriana Mackenzie, que ficava do outro lado da rua. Nesse confronto, um aluno morreu. O episódio relatado pelo discípulo de Durval deixa claras sua resistência à ocupação e sua oposição aos estudantes que, na época, eram porta-vozes da luta pela democracia.

Como parte de nossa pesquisa sobre a psicanálise no Brasil durante o período ditatorial, entrevistamos também ex-alunos de Durval Marcondes na Universidade de São Paulo. Reproduzimos a seguir o que ouvimos de um deles, que em 1968 participava ativamente do movimento estudantil:

“Os professores de Clínica e Psicanálise eram considerados de extrema direita. No início, não ocupamos a clínica, mas nos deparávamos com muitas queixas sobre como a psicanálise era ensinada na universidade... eu diria uma situação muito desagradável e informações desagradáveis sobre essas pessoas.

[Você diria algo mais sobre isto?]

Eu posso dizer sim, eu posso. Naquela época, o que os estudantes estavam dizendo era que aqueles professores – Durval, Virgínia e outros – também estavam praticando psicanálise em suas clínicas particulares, mas o contrato que tinham com a universidade era de tempo integral...

Então os estudantes trouxeram documentos oficiais, folhas que aqueles professores preenchiam como se houvesse alguns seminários e cursos que na verdade não estavam ocorrendo, e todas as assinaturas eram falsas, para justificar a existência das disciplinas que na realidade não eram ensinadas. Então, foi um grande problema. [...]

Eles eram de direita, eu diria que eles estavam tentando provocar a intervenção do exército na universidade. Tornaram-se muito desagradáveis conosco; algumas pessoas que foram negociar com Durval Marcondes, ele pediu para deixarem sua casa de uma forma muito desagradável. E ele fez algo que me deixa muito triste, eu não gosto de falar sobre isso, embora parte disso esteja nos arquivos da Sociedade [de Psicanálise]. Durval escreveu uma carta para meu pai pedindo-lhe para me conter, e fazia algumas ameaças sobre trazer meu nome para o pessoal da segurança e para o exército, etc., e meu pai respondeu a Durval e esta carta está nos arquivos da Sociedade [...] eu acho que quando Durval Marcondes morreu, fazia parte de seus arquivos¹⁰. Meu pai respondeu dizendo que eu era independente, que eu era adulto, ele não faria isso e lamentava que Durval estivesse assumindo tal posição, assumindo esse papel; ele criticava Durval por fazê-lo. Durval estava muito ligado ao que costumávamos considerar a direita naquele momento.

10 Encontramos a carta original nos arquivos de Durval Marcondes, no Centro de Memória da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em fevereiro de 2019. Os dizeres da carta confirmam a fala de nosso entrevistado.

[...]

Houve um momento em que o reitor da universidade – que era um homem muito decente, um homem muito honesto – foi nomeado pela ditadura. Na época eu não diria que ele era um esquerdista, mas era um liberal – ele tentou reconciliar os alunos e professores da Clínica. Assim, Durval, Virgínia e outros dois de que não lembro, eu e mais alguém que era diretor do grêmio estudantil também, fomos ao reitor... e então eles apresentaram todas as suas reclamações, reclamações horríveis sobre nós. Daí mostramos as listas das disciplinas com os dados falsificados, foi muito fácil ver que tinham sido falsificadas porque eram idênticas, e então o reitor se dirigiu a eles dizendo: ‘Ou vocês se demitem ou eu vou ter que demitir vocês’, e eles decidiram renunciar como um grupo. É claro que o que eles contam às pessoas sobre isso é algo completamente diferente, eles diziam que coisas muito desagradáveis aconteceram; algumas dessas pessoas ficaram com raiva de mim e das pessoas associadas a mim, especialmente um psicanalista que é da Sociedade também, e que ensinava Psicologia Clínica na USP, Ryad Simon, ele dizia coisas horríveis sobre mim por escrito, coisas horríveis.

[Escritas onde?]

Em algumas teses, tese de doutorado, porque a ocupação da Clínica e a história da Psicologia Clínica na universidade foram temas de diversas teses [...] ele diz que eu era um filho da puta e coisas desse tipo sobre mim. [O que você diz como que confirma algo que ouvimos, rumores nos corredores do Instituto de Psicologia, dizendo que Durval Marcondes denunciou algumas pessoas à segurança e ao exército. Você sabe algo sobre isto?]

Ele era muito, muito próximo dos oficiais do exército, mas eu acho que ele não fez isso, isso é uma crença, não é algo que eu saiba, não diretamente. Eu não acho que ele entregou nomes a eles, mas provavelmente quando ele estava bravo com a esquerda e com pessoas, ele daria todas as coordenadas a eles [ao exército] para identificar e localizar a pessoa, mas eu não acredito que ele iria, como outros, dar nomes. Você tem *O livro negro da universidade*¹¹, Durval não está lá como alguém que denunciou pessoas. É minha crença pessoal, eu não acho que ele denunciou diretamente, que ele deu nomes”.

Outros episódios como este, relatados por ex-alunos seus, parecem confirmar a postura reacionária de Durval. Citamos aqui uma assembleia organizada entre alunos e professores do Instituto de Psicologia para tratar de questões curriculares, mas que foi interrompida pela notícia de que uma aluna, Iara Iavelberg, militante na luta armada, fora capturada pelo exército pouco antes:

“Houve uma assembleia, na ocasião da prisão da Iara Iavelberg, em que, embora fosse outra a nossa pauta, propusemos fazer um abaixo-assinado de professores e alunos solicitando providências ao reitor. A reação de Durval Marcondes, apoiado por parte do pessoal da Clínica, foi de dizer que tinha vindo à assembleia para discutir currículo e não política”.

11 *O livro negro da USP: o controle ideológico na universidade* foi publicado pela Associação dos Docentes da USP em 1979, fruto de pesquisa sobre os fatos decorrentes do impacto da ditadura civil-militar na universidade a partir de 1964.

O ocorrido consta em ata de Assembleia Geral da Psicologia de 29/6/1968, que inclui o registro da fala de Durval Marcondes na ocasião¹²: “Não vim aqui para tomar parte em movimento político”.

Iara morreu assassinada, possivelmente dentro do Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) de Salvador, Bahia, logo depois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A posição de Durval Marcondes como fundador e sua grande influência no desenvolvimento da psicanálise no Brasil fazem dele um importante analisador do destino da psicanálise brasileira. No geral, sua reputação no cenário brasileiro continua alta, com sua autoapresentação como um “bandeirante destemido” sendo aceita e largamente celebrada no movimento psicanalítico. Há certamente alguns fundamentos para isso: Marcondes foi claramente um fundador das sociedades psicanalíticas brasileiras e trabalhou diligentemente para ajudar a estabelecer a psicanálise como uma força importante dentro da psiquiatria brasileira, bem como (mais tangencialmente) na esfera cultural. Contudo, suas atitudes e ideias também foram características da orientação da psicanálise brasileira

como prática social, na medida em que foram conservadoras, normatizadoras e autoritárias. Como sugerimos, seus modos de importação e incorporação da psicanálise nas primeiras décadas do século XX reproduzem padrões que estudiosos da cultura brasileira nomearam de *modernização conservadora*, um amplo processo de rápidas transformações culturais que deixaram intocadas estruturas econômicas, sociais e políticas no país. Isso pode ser visto na teoria do desenvolvimento que ele utilizou (ao focar a infância como um período de adaptação e socialização em normas culturais), em sua abordagem das famílias e mais especificamente das mulheres e, ainda mais ostensivamente, em seus modos autoritários de ensino e suas atitudes em relação a alunos politicamente engajados em oposição à ditadura brasileira. Marcondes, evidentemente, não foi o único psicanalista a agir assim ou ter essas atitudes, mas sua posição influente no movimento psicanalítico brasileiro o torna fundamental na documentação das tendências conservadoras desse movimento, em especial como sinalizador da posição adotada em relação à ditadura pelas sociedades psicanalíticas brasileiras oficiais. Precisamos ser cuidadosos, ao que parece, para não presumir que aqueles que são “bandeirantes” em certos territórios serão necessariamente progressistas ou mesmo democráticos em outros.

12 Uma cópia do registro da ata encontra-se na tese de doutorado referida, onde encontramos esta informação.

REFERÊNCIAS

- ADUSP. *O livro negro da USP: o controle ideológico na universidade*. São Paulo, USP, 1979.
- ASSUMPÇÃO JR., F. "A ideologia na obra de Antônio Carlos Pacheco e Silva". *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 6, n. 4, 2003.
- BOTELHO, E. Z. F. *Os fios da história: reconstrução da história da psicologia clínica na Universidade de São Paulo*. Tese de doutorado. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1989.
- COIMBRA, C. *Guardiães da ordem. Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "milagre"*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1995.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- FIGUEIRA, F. "A psicanálise da norma: Arthur Ramos e a Liga Brasileira de Higiene Mental". 2019, em preparação.
- FROSH, S.; MANDELBAUM, B. "'Like kings in their kingdoms': conservatism in Brazilian Psychoanalysis during the dictatorship". *Political Psychology*, 38 (4), 2017, pp. 591-604.
- JACOBY, R. *Social amnesia*. Sussex, Harvester, 1975.
- LIMA, L. A. G. "Ascensão e queda da infância: um estudo sobre a concepção de criança na psicanálise de Durval Marcondes e seus impactos na psicologia brasileira", in M. H. S. Patto (org.). *Formação de psicólogos e relações de poder: sobre a miséria da psicologia*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2012.
- MARCONDES, D. *A medicina e a psicologia*. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1952.
- OLIVEIRA, C. L. V. *História da psicanálise – São Paulo (1920-1969)*. São Paulo, Escuta, 2005.
- OLIVEIRA, C. L. V. "Trajetórias da psicanálise paulista". *Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 3, n. 4, 2014.
- ROUDINESCO, E. "O principal fator para o desenvolvimento da psicanálise". *Fronteiras do pensamento*, 2017. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/videos/o-principal-fator-para-o-desenvolvimento-da-psicanalise>.
- RUSSO, J. "Brazilian psychiatrists and psychoanalysis at the beginning of 20th century: a question for national identity". *Psychoanalysis and History*, 14, 2012, pp. 297-312.
- SAGAWA, R. Y. *Durval Marcondes*. Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira, v. 11. Rio de Janeiro, Imago/Conselho Federal de Psicologia, 2002.
- TARELOW, G. Q.; MOTA, A. "Eugenia, organicismo e esquizofrenia: diagnósticos psiquiátricos sob a lente de Antônio Carlos Pacheco e Silva, nas décadas de 1920-40". *Dimensões: Revista de História da UFES*, n. 34, 2015.
- VIANNA, H. B. *Não conte a ninguém: contribuição à história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Imago, 1994.
- WERNECK VIANNA, L. "Caminhos e descaminhos da revolução passiva à brasileira". *Dados*, v. 39, n. 3, 1996.